

Revisitando a obra de Mao Zedong

JONES MANOEL*

Na história do marxismo no século XX, o maoísmo constitui uma das suas páginas mais importantes. Mao foi líder da Revolução Chinesa, o criador de uma original concepção de guerra revolucionária e inspirador de uma corrente internacional do movimento comunista.

Com o fim da URSS, do movimento terceiro-mundista e do “campo socialista”, a maioria dos dirigentes do movimento comunista entrou para o esquecimento no chamado “ocidente”. Mas a fortuna da obra do líder chinês não é assim tão negativa fora dele. Ainda existem vários movimentos guerrilheiros e partidos comunistas que reivindicam o pensamento de Mao como inspiração. Na Ásia, assim como em alguns lugares da África e América Latina, falar de Mao Zedong não é ser anacrônico. Essa situação de “temporalidades políticas” diferenciadas começa a se transformar com as mudanças na economia e na geopolítica processadas nas últimas décadas.

A economia capitalista global passou por um processo de reconfiguração da divisão internacional do trabalho, com a China assumindo o papel de “fábrica do mundo”. Essa ascensão econômica e o protagonismo global da China colocou o país em rota de colisão com a hegemonia estadunidense, materializada na mal chamada “Guerra Comercial”. Em paralelo, com a Covid-19, a China mostrou uma superioridade clara frente aos países do “ocidente” no controle da pandemia. A Organização Mundial da Saúde afirmou que a resposta chinesa à pandemia foi

* Professor, educador e comunicador popular. E-mail: manoel_jones@hotmail.com

“talvez o esforço de contenção de doenças mais ambicioso, ágil e agressivo da história”.¹

Esse momento histórico de maior liderança chinesa no cenário internacional, aliado à solidez de sua economia mesmo com a pandemia global, se combina com o que chamamos de “virada à esquerda” do Partido Comunista Chinês (PCCh). A partir da subida de Xi Jinping ao comando do PCCh, alguns deslocamentos importantes estão sendo processados; destacamos: a) a ampliação do controle e regulamentação do setor privado da economia sem abrir mão da formulação de *Reforma e Abertura*; b) a reafirmação do marxismo e do pensamento de Mao Zedong, combatendo as chamadas “ideologias ocidentais” e frisando o marxismo como fonte de legitimidade do partido; c) o fortalecimento de organizações de massa de base (como comitês de bairro e comitês do partido nas empresas) e da mobilização e ativismo político do PCCh; d) o crescimento das políticas redistributivas e de bem estar-social, reconfigurando os critérios de “desenvolvimento” para além do crescimento econômico do PIB.

Essas mudanças na política chinesa começaram a motivar um conjunto de intelectuais a rever seus posicionamentos sobre o que é a China contemporânea. O caso mais notável é o do geógrafo David Harvey. Anos atrás o pensador lançou um livro sobre história do neoliberalismo onde a China é inserida no leque de países neoliberais. Atualmente, porém, a posição do geógrafo é completamente diferente:

Pergunta – Acredita que [a China] é uma sociedade comunista?

David Harvey – Não, não é uma sociedade comunista, mas ideologicamente eles reivindicam que até 2050 serão uma sociedade plenamente socialista. Eu levo muito a sério essa proclamação, apesar de algumas medidas que adotaram, como o intercâmbio mercantil capitalista. Há problemas de desigualdade social e de degradação ambiental, mas todos os países têm. Eles disseram que serão plenamente socialistas até 2050 e isto significa combater o problema ambiental e a desigualdade social. Uma das coisas que sabemos da China é que quando dizem que irão fazer algo, fazem e de forma muito rápida [...]. Trump está organizando uma política anti-China, nesse momento, e é um profundo erro por parte dos Estados Unidos, porque está estimulando a China a ser mais autônoma.²

No Brasil, que tem a China como maior parceiro comercial, cresceu em ritmo exponencial o interesse acadêmico pelo país. No entanto, o debate nesse âmbito em

1 Para uma avaliação global da resposta chinesa à pandemia de covid-19 e a avaliação da OMS, conferir o artigo *Coronachoque: um vírus e o mundo*. Acesso em: 15 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.thetricontinental.org/pt-pt/dossie-28-coronavirus/>>.

2 “Veremos um ressurgimento da esquerda, mas precisa buscar uma nova voz”. Entrevista com David Harvey. Acesso em: 15 jan. 2021. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590201-veremos-um-ressurgimento-da-esquerda-mas-precisa-buscar-uma-nova-voz-entrevista-com-david-harvey>>.

geral se preocupa pouco com temas como o caráter socialista ou não da formação econômico-social chinesa ou a situação do marxismo naquele país.

Nos últimos anos, contudo, um conjunto de intelectuais, organizações políticas e movimentos populares começou um movimento, ainda tímido, que deixa de considerar como dada a restauração capitalista na China. Sintoma desse movimento é o sucesso de público no Brasil de intelectuais marxistas como Domenico Losurdo, que considerava a China atual socialista³. É nesse contexto que volta ao mercado editorial brasileiro a publicação de escritos de Mao Zedong.

Faremos um comentário sobre três publicações de 2019 em torno da obra de Mao Zedong. A Expressão Popular publicou *Mao Zedong e a revolução chinesa: métodos da direção e desafios da transição ao socialismo*, com organização de Miguel Enrique Stédile; a Ciências Revolucionárias lançou o *5 teses filosóficas de Mao Zedong*, sob organização de Klaus Scarmeloto; e a Baioneta Editora editou o livro *Sobre a guerra prolongada*.

O primeiro livro, aquele da editora Expressão Popular organizado por Miguel Stédile, é o mais amplo na apreensão do pensamento do líder chinês. Conta com escritos de Mao desde o começo da sua militância comunista até seus últimos escritos. O livro está concentrado nas reflexões de Mao sobre formação política, organização de massas, direção política da revolução, problemas da construção do socialismo etc. O segundo livro, *5 teses filosóficas*, tem uma estrutura peculiar. As primeiras 131 páginas são textos de comentadores de Mao e contam com uma apresentação sobre a história da revolução chinesa. Ao final dos escritos filosóficos de Mao, ainda temos um posfácio e vários anexos. O terceiro livro, *Sobre a guerra prologada*, é uma compilação dos escritos militares de Mao. É um livro curto, com menos de 150 páginas, sem pretensão de esgotar o tema, mas sim servir como uma introdução a ele. Os três livros se completam e oferecem alguns apontamentos importantes para pensar diversos debates no seio do marxismo.

Primeiro, o marxismo de Mao Zedong sempre foi profundamente nacional. A “nacionalização” do marxismo na China não significa a perda de uma perspectiva internacionalista, nem deixa de aprender com a experiência histórica e teórica do movimento comunista internacional, mas cria uma estratégia e cultura política profundamente enraizada na história milenar chinesa, refletindo suas particularidades.

Se na história do movimento comunista tivemos vários episódios de cópia mecânica das formulações do marxismo soviético e da realidade russa para outros países, na China, desde muito cedo, o partido comunista conseguiu se “nacionalizar”. É correto o diagnóstico de Agustín Cueva:

Que a filiação à IC [Internacional Comunista] não determinava de maneira fatal o destino dos PCs parecia uma evidência em si. Somente pensando na trajetória de

3 Para conhecer o debate de Domenico Losurdo sobre a China, conferir Losurdo (2009; 2015; 2016; 2018).

três partidos asiáticos hoje no poder, o chinês, o vietnamita e o coreano, se percebe a imensa distância que os separa de seus homólogos latino-americanos, todos membros, no entanto, da IC. Os asiáticos estiveram claramente mais perto desta organização que os latino-americanos, mas isso não foi óbice para, por um lado, nacionalizarem profundamente seu marxismo – para o bem ou para o mal – e, por outro, seguissem [*sic*] entre si vias muito distintas [...] Mao pode divergir de Stalin porque se movia, segundo sua metáfora, “como peixe na água”. (Cueva, 2021, s/p)

Esse processo de nacionalização do marxismo operou a partir de dois vetores: a crítica do dogmatismo e a defesa do conhecimento da realidade concreta. Mao diz que, até aquele momento (1941), “ninguém, praticamente, se ocupou com seriedade da história econômica, política, militar e cultural da China nos últimos cem anos”. Em contraste, “ignorantes sobre seu próprio país, alguns sabem unicamente contar histórias da Grécia antiga e outras terras estrangeiras, e mesmo esses conhecimentos são uma lástima” (Mao, 2019a, p.82-83).

Para o líder chinês, a tão proclamada unidade entre teoria e prática no marxismo passa pela mediação do conhecimento concreto da realidade nacional. Mao compreendeu muito bem a lição hegeliana de que o universal se realiza no particular. A crítica da dominação burguesa, se não consegue compreender a concretude dessa dominação em cada realidade nacional, rompe a unidade marxista entre teoria e prática. Nacionalizar o marxismo era uma forma de realização da práxis:

Embora estudemos o marxismo, o método usado por muitos de nós se revela diretamente oposto ao marxismo. Por outras palavras, violam o princípio básico que nos recomendam determinadamente Marx, Engels, Lenin e Stalin: unidade entre teoria e prática. Tendo violado esse princípio, criam de sua própria iniciativa o princípio oposto: divisão entre teoria e prática. Nas escolas, nos cursos para os quadros em exercícios, os professores de filosofia não orientam os alunos para o estudo da lógica da Revolução Chinesa; os professores de economia não orientam para o estudo das características da economia chinesa; os professores de ciências políticas não orientam para o estudo das táticas da Revolução Chinesa; os professores de ciências militares não orientam para o estudo da estratégia e tática adaptadas às características especiais da China; e assim por diante. (Mao, 2019a, p.83)

Mao não busca criar uma espécie de nacionalismo cultural ou metodológico. O líder chinês pensava os conhecimentos ditos “universais”, quando descolados da prática e da realidade chinesa, como mera erudição vazia, sem qualquer sentido político na tarefa central das classes exploradas: tomar o poder. Lembrando uma conhecida frase de Marx, Mao diz que “o marxismo-leninismo é uma ciência e ciência é conhecimento real; toda a astúcia é inútil. Sejamos, pois, honestos” (Mao, 2019a, p.86).

No espírito desse marxismo aberto e crítico, Mao recusou a visão do socialismo como uma espécie de versão laica do paraíso cristão. É comum na história do marxismo apresentar o socialismo como um negativo total do mundo atual: fim da família, do Estado, de toda relação mercantil, do direito, da identidade nacional, da divisão social do trabalho etc. Como esse socialismo não é alcançável, as alternativas mais frequentes são chamá-lo de capitalismo de Estado ou “achar” uma revolução traída.

A premissa filosófica de Mao é que não existe um fim das contradições e lutas. Com a superação do capitalismo, teremos novas contradições e lutas – não uma espécie de “fim da história”. É estranha ao pensamento de Mao a ideia de uma sociedade sem contradições, onde a política é apenas a “administração das coisas”. Mao fala que “quando a transição socialista se encerrar e as classes tiverem sido eliminadas, a política de um país se torna puramente uma questão de relações no seio do povo” (Mao, 2019a, p.162).

Ao falar de política, mesmo com o fim das classes, Mao expressa uma compreensão mais ampla desse complexo social: não apenas como dominação, mas como organização da vida coletiva. É lógico que, no capitalismo, a política e o Estado são, acima de tudo, dominação de classe. Mas o fim das classes não é o fim, em si, da política, mas de um tipo de política. Na continuidade do raciocínio, Mao coloca que mesmo com o fim das classes, “a luta político-ideológica entre os homens e revoluções continuará a ocorrer; ela nunca cessará [...]. Entretanto, a natureza das lutas e revoluções será diferente” (Mao, 2019a, p.162).

Mao compreende que essa luta terá como centro o enfrentamento entre “técnicas avançadas e atrasadas”. Ele não usa a palavra técnica com um sentido tecnocrático, mas como formas de organização social. E completa:

A luta durante a transição do socialismo para o comunismo também será uma revolução. Na era comunista, haverá muitas, muitas fases de desenvolvimento. O desenvolvimento de uma fase para outra será necessariamente uma relação entre mudanças quantitativa e qualitativa. Todas as mudanças, todos os saltos à frente são revoluções, que devem ocorrer através de lutas. A teoria do fim das lutas é pura metafísica. (Mao, 2019a, p.163)

Ao não pensar a teoria da transição socialista de forma idealista e como “escatologia laica”, Mao conseguiu dar maior concretude aos desafios reais da construção do socialismo. Sublinhou sempre a necessidade de “aprender tecnologia e ciência” e uma compreensão real “de questões de negócios, científicos e tecnológicos” (Mao, 2019a, p.160). O domínio do conhecimento científico-técnico é fundamental no “desenvolvimento da produção” em seus dois aspectos: desenvolvimento da produção e “melhora das condições de vida do povo” (Mao, 2019a, p.185).

Mao é taxativo ao dizer que ser um “grande país socialista” e, ao mesmo tempo, um “país economicamente atrasado e pobre” é uma “grande contradição”. Para resolver essa contradição e transformar a China em um “país próspero e poderoso”, além de “várias décadas de esforço intenso” (Mao, 2019a, p.279), será necessário também “aprender com as boas experiências de todos os países, sejam eles socialistas ou capitalistas, não há dúvidas” (Mao, 2019a, p.282). Mao conseguiu fugir do idealismo na reflexão sobre socialismo e do economicismo tão presente na experiência soviética.

O terceiro aporte fundamental da obra de Mao que queremos destacar é debatido no ensaio *Sobre a justa solução das contradições no seio do povo*, presente no livro *5 teses filosóficas*. Essa obra tem importância, em particular, para entender a filosofia política de Mao, sua compreensão da teoria da transição socialista e para o debate sobre o que é a China atual. O líder chinês desenvolve a reflexão sobre formas diferenciadas de contradições no processo político. Diz que “nós e o inimigo são contradições antagônicas” – e por inimigos entende ele todos os adversários do socialismo: latifundiários feudais, burguesia burocrática, imperialismo e seus agentes etc. Mas no seio do povo as “contradições entre os trabalhadores são não antagônicas” (Mao, 2019b, p.198). Nessa reflexão, Mao afirma que as contradições “entre as classes exploradas e as classes exploradoras, além de um aspecto antagônico que apresentam, têm aspectos não antagônicos”. Mao não nega que a existência da burguesia pressupõe a exploração de classe, mas diz que esse antagonismo apresenta também um caráter não antagônico, dado o duplo caráter da burguesia (Mao, 2019b, p.198-199). A burguesia, ao mesmo tempo que depende da exploração da classe trabalhadora, pode contribuir para o desenvolvimento das forças produtivas, a soberania nacional e a modernização da China. Para Mao, não há socialismo sem garantir a soberania nacional e a modernização socioeconômica do país. A harmonização do antagonismo seria dada pela política e pela própria forma da ditadura democrática. Assim, por exemplo, enquanto a burguesia nacional se mantivesse nos limites do poder político instituído, não estaria em antagonismo irreconciliável com o socialismo chinês. Aqui comparece uma distinção importante no pensamento de Mao: a diferença entre expropriação política e econômica da burguesia. Mao teorizou um processo de expropriação do poder político – não da participação política – da burguesia e a manutenção de capital econômico. Para o líder chinês, a manutenção do poder econômico não garante a criação de poder político. É como se a burguesia ficasse numa situação de classe em si, sem transformar-se em classe para si.

Para Mao, é claro que a luta de classes continua existindo no socialismo, mas a batalha central é “desenvolver a nossa economia e a nossa cultura” de modo a “consolidar o nosso regime e edificar o nosso novo Estado” (Mao, 2019b, p.210). Nessa perspectiva, defende “uma coexistência duradoura dos diferentes partidos. O desejo do Partido Comunista e, também, a sua orientação política, é a coexistência duradoura com os demais partidos democráticos” (Mao, 2019b, p.230).

Por partidos democráticos são entendidos partidos da pequena burguesia e da burguesia. Essa reflexão de Mao suscita de imediato uma questão: as continuidades e rupturas do PCCh na compreensão do socialismo.

Na história do PCCh, desde a guerra popular prolongada até os primeiros anos da conquista do poder, existia uma teorização sobre a convivência com a burguesia nacional na construção do socialismo. Claro que essa convivência, em vários momentos, passou a ser questionada e até rechaçada, como durante a Revolução Cultural; mas depois foi recuperada e radicalizada. É importante pesquisar até que ponto a formulação atual do PCCh é uma recuperação, sob novas condições, das reflexões de Mao, ou se é colocada como tal para encobrir uma mudança total de linha política.

Por fim, o livro *Sobre a guerra prolongada* oferece muitas lições para esquerda brasileira na atual conjuntura. O pensamento de Mao foi a base para desenvolver um conjunto de técnicas e ações militares das classes exploradas no enfrentamento ao poder técnico-militar superior da burguesia e do imperialismo. Mao desenvolveu um pensamento político estratégico sobre a guerra como parte integrante e incontornável da luta de classes. A esquerda brasileira, no geral, esqueceu a ciência das armas com os anos de democracia burguesa. E, não como um raio em céu azul, viu-se com um governo liberal-fascista militarizado do começo ao fim, com mais de onze mil militares nos diversos escalões do governo Bolsonaro.⁴ De modo similar, na América Latina, nos últimos dois anos, vimos uma volta do protagonismo político das Forças Armadas.

As contribuições de Mao para pensar a dimensão militar da luta política podem, ao menos na teoria, desencadear um movimento para sanar essa lacuna da esquerda brasileira. Mao pensava a questão militar aliada e subordinada à estratégia política, ao cenário geopolítico e às contradições da luta de classes. É urgente entender a linguagem das armas, porque não parece distante da conjuntura política de nosso país um cenário onde sua voz seja a única ouvida. Por fim, e à guisa de conclusão, recomendamos ao leitor brasileiro que aproveite esse momento político e editorial e estude com consistência as reflexões deste que foi um dos maiores revolucionários de todos os tempos, Mao Zedong.

Referências bibliográficas

CUEVA, A. *O Marxismo Latino-americano: História e problemas atuais*. Disponível em: <<https://lavrapalavra.com/2020/08/21/o-marxismo-latinoamericano-historia-e-problemas-atuais/>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

LOSURDO, D. *Fuga da história? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

4 Disponível em: <<https://www.sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/17497/entre-militares-da-ativa-eda-reserva-ja-sao-mais-de-11-mil-no-governo-bolsonaro-integrante-do-tcu-questiona-se-nao-fazem-faltanas-forcas-armadas>>. Acesso em: 17 fev. 2021>.

- LOSURDO, D. *A luta de classes: uma história política e filosófica*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- _____. *A esquerda ausente – crise, sociedade do espetáculo, guerra*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2016.
- _____. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MAO Z. VV. In: STÉDILE, Miguel Enrique (Org.). *Mao Zedong e a Revolução Chinesa – métodos de direção e desafios da transição ao socialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2019a.
- _____. Sobre a justa solução das contradições no seio do povo. In: SCARMELOTO, Klaus. (Org.) *Mao Zedong – 5 teses filosóficas*. São Paulo: Ciências Revolucionárias, 2019b.
- _____. *Sobre a guerra prolongada*. São Paulo: Baioneta, 2019c.

Resumo

Com as mudanças decorrentes da ascensão chinesa, as obras de Mao Zedong são um ponto de partida para avaliar as teses sobre o desenvolvimento do socialismo no país. Este texto é um comentário de três livros publicados por ocasião do aniversário de setenta anos da Revolução Chinesa em 2019: *Mao Zedong e a Revolução Chinesa – métodos de direção e desafios da transição ao socialismo*, organizado por Miguel Enrique Stédile e publicado pela Editora Expressão Popular; *Sobre a guerra prolongada*, publicado pela Editora Baioneta; e *Mao Zedong – 5 teses filosóficas* organizado por Klaus Scarmeloto, publicado pela Editora Ciências Revolucionárias.

Palavras-chave: China, Socialismo, Mao Zedong, maoísmo, marxismo

Abstract

As the changes resulting from the Chinese rise unfold, the works of Mao Zedong are a starting point for evaluating the theses on the development of socialism in China. This text is a commentary from three books published on the occasion of the seventieth anniversary of the Chinese Revolution in 2019: *Mao Zedong e a Revolução Chinesa – métodos de direção e desafios da transição ao socialismo*, organized by Miguel Enrique Stédile and published by Editora Expressão Popular; *Sobre a guerra prolongada*, published by Editora Baioneta; and *Mao Zedong – 5 teses filosóficas* organized by Klaus Scarmeloto and published by Editora Ciências Revolucionárias.

Keywords: China, Socialism, Mao Zedong, Maoism, Marxism